

A fundação de Ladário

AUGUSTO CÉSAR PROENÇA – escritor e historiador, Cadeira nº 28 da ASL

Depois de examinar o local, o sertanista Leme do Prado fez um esboço topográfico do mesmo e o enviou ao governador Luís de Albuquerque, a 9 de novembro de 1776. Esse importante documento histórico encontra-se nos arquivos da Casa de In-sua, em Portugal, solar em que habitou Luís de Albuquerque e ainda pertence aos seus descendentes.

Durante quase dois anos, apesar das ordens do governador e dos benefícios que oferecia a quem atendesse seu apelo de dar início aos preparativos do futuro povoado, o local ficou esquecido, pois ninguém queria aventurar-se em uma região longínqua e desprovida de recursos. Porém, a 1º de outubro de 1777, a rainha de Portugal, Dona Maria I, e o seu irmão Carlos III, rei da Espanha, assinam o Tratado de Santo Ildefonso, que copiava o de Madrid (1750), voltando o Rio Paraguai a ser reconhecido como limite das duas Coroas. Os territórios da margem direita do grande rio voltariam a ser espanhóis e, assim, tanto o local do futuro povoado (Corumbá) como o Forte de Coimbra estavam fora dos domínios portugueses.

Luís de Albuquerque, então, baseando-se no princípio jurídico do “UTI POSSIDETIS” (como possuí, assim continueis possuindo), mandou “fincar o pé” nos locais conquistados e ordenou ao sertanista Leme do Prado que viesse com a família e iniciasse o mais



FOTO: ACERVO ASL

Pôr do sol em Ladário, a “Pérola do Pantanal”

“Assim, o dia 2 de setembro de 1778 ficou sendo a data de fundação de Ladário, que durante muitos anos foi distrito de Corumbá”

rapidamente possível as preparações para a fundação do povoado.

Em agosto de 1778, após ter sido agraciado com o título de “capitão-mor das conquistas do Rio Paraguai” o sertanista com a família e uma comitiva chegaram ao sítio escolhido, mas como o local não oferecia condição para o incremento de lavouras, por ser terreno calcário,

seco e pedregoso, Leme do Prado explorou as cercanias e acabou encontrando, a 6 km à jusante, terras boas e favoráveis à agricultura. E a esse lugar deu o nome de Ladário, onde nasceu Luís de Albuquerque, situada no distrito de Viseu, região da Beira Alta.

Assim, o dia 2 de setembro de 1778 ficou sendo a data de fundação de Ladário. Durante muitos anos foi distrito de Corumbá, até que a Lei Estadual nº 679, de 11 de dezembro de 1953, elaborada pelo deputado estadual Manoel Wenceslau de Barros Botelho (Neto Botelho), a tornou município independente.

Além de abrigar o 6º Distrito Naval, Ladário é a sede do terminal hidroferroviário, onde se processava o transbordo de gado e de mercadorias de embarcações fluviais com os vagões de trem. A história de Ladário está muito ligada à de Corumbá.

Flora Thomé – Poesia entre o ontem e o amanhã

ANA MARIA BERNADELLE – poeta, profª e ensaísta, Cadeira nº 27 da ASL

Na noite de 26 de maio p.p., a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras reiniciou as Rodas Acadêmicas, atividade de valor literário imprescindível para a perpetuação das obras dos acadêmicos já falecidos. A autora contemplada foi Flora Egídio Thomé, poeta e professora de Literatura, nascida em Três Lagoas, em 14/11/1930, e que ocupou a Cadeira 33 da ASL. Sua obra, apresentada e discutida, com experiência e equilíbrio, pelos acadêmicos Ilei-des Muller, Marisa Serrano e Renato Toniasso, arrebatou os que não a conheciam e fez seus confrades lembrarem sua poesia com admiração e enlevo.

Assistindo à explanação, propus-me a falar aqui das impressões que me foram despertadas pela poesia de Flora Thomé e tecer algumas considerações fundadas nos textos apresentados pelos locutores. À medida que ouvia sobre a vida singular, mais forte se foi apresentando à minha percepção um desejo incontrolável de mergulhar nas águas profundas das entrelinhas dos haicais e da sensível poesia confessional – “as escritas do eu” – marca indelével da obra memorialística de Thomé e das pegadas que ela sutilmente soube nos presentear com seu canto.

Lembrei, então, de Basho no haicai: “O rouxinol partiu/ Seu canto/ Paira no lago”. Agarrei sequiosa o seu cantar e as minhas emoções e me transportei para o universo “thomediano” (ou seria floriano?) – a Três Lagoas de tempos idos e de pessoas marcantes que compartilharam a vida da poeta Flora.

A cada poema se vislumbra o rastro da poeta – fez de sua obra uma encantatória biografia poética. Tudo é verdadeiro na sua escrita. É a realidade colhida e transportada para as folhas em branco que, aos poucos, transbordavam de personagens genuínas, de descrições da sua cidade natal tão ardentemente amada; as tradições familiares, a escola, sua graduação em Letras e seus cargos na esfera educacional.

Refleti que não era hora de uma crítica ferrenha, rigorosa e exigen-

te. Escolhi dois aspectos para avaliar, segundo Paulo Franchetti: “...o primeiro é a reivindicação de herança cultural, e o segundo, a aposta num possível legado” – in “Crítica: Poesia Contemporânea e Crítica de Poesia”.

Quanto à herança cultural, a re-visitação do passado, Três Lagoas é a referência para que se possa ter correta interpretação e posteriores comparações de épocas, conceitos e comportamentos, sejam eles voltados para a literatura, a vida social e individual. A escolha de Flora Thomé foi uma feliz escolha, pois sua obra é digna de atenção crítica, recebeu reconhecimento de sua importância e poder literário.

O poema 38 da obra “Retratos”, de 1993, descreve com sutileza a realidade vivida pela poeta em seus 42 anos de magistério: “Uma escola passou por minha vida/e por vontade pedi carona/virei quadro-negro e apagador./virei lição/virei aula”.

Assim também o poema “Ferrovia x Rodovia” expressa a interação da poeta com a evolução de sua terra natal: “Lá vem um trem/correndo vem/fazendo curva/jogando apito/cheio de trem.../Eu vejo um trem/um outro trem./Trem./Mais trem./É trem que chega/trazendo gente/cheia de trem./Trem. Muito trem./Que tenho eu/com esse trem/que longe vem/se não me traz/nenhum alguém?”.

Quanto a um possível legado, é ponto pacífico. Flora Thomé está viva nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura em Mato Grosso do Sul afóra e em outros estados. Ainda não na amplitude que merece, mas o seu legado intimista e memorialista é de tal modo atraente e adorável que jovens e adultos capitulam fascinados.

De espírito inquieto e ávido de inovações, Flora Thomé compreendeu o novo mundo que surgia, veloz, pragmático, hedonista, solitário, e aí abraçou o haicai com a função “de levar a poesia à porta do homem moderno”, como diz João Cabral de Melo Neto. E o fez. Com tamanha maestria que a magia tomou conta de sua poesia: “Sobre vitórias-régias/O sol se derrama/Compondo girassóis (Thomé, 1999, s.p).

As vacas da raça Nelore

EDUARDO MACHADO METELLO (1930-2000) – pertenceu à ASL

Recebida a escritura da gleba São Miguel, em Sidrolândia, anexa à que fora do japonês, fiquei, somando as duas, com 1.000 hectares, área bem razoável para quem estava começando, em terras de boa fertilidade e bem situadas, onde o jaraguá tinha uma vontade louca de crescer, jogando-se inclusive por cima das pedras e da piçarra.

Fui assim, alegremente, receber as 300 vacas nelore que comprara com a fazenda e que iriam me ajudar a pagar a conta toda. O autonomista me pegou de madrugada em casa, e cedo estávamos na fazenda Espada, onde chegamos a tempo de beber um leite gordo, de vacas de jaraguá, acompanhado de deliciosos bolinhos fritos.

Lembrei-me do caso que minha avó Elvira sempre contava, ocorrido na fazenda Engenho. A sua mãe estava fritando bolinhos quando avistou uns cavaleiros chegando, já abrindo o portão do pátio. Era uma família vizinha em visita à fazenda. Certamente os bolinhos não iriam dar para todos.

Imediatamente, ela gritou para a cozinheira: – Fulana, esfria o leite!

Ela sabia que, com o leite quente, queimando a boca, se come mais bolinhos...

As vacas nelore foram recolhidas no velho mangueiro de tronqueiras cabeçudas, mandado fazer ainda pelo meu pai, quando dono da fazenda.

– Como é, que tal as vacas? – Perguntou o meu amigo. Admirado com o tamanho das reses, nem acreditava que elas iam ser minhas. Demorei, assim, para responder: – São ótimas.

– Pois é – continuou o amigo – agora você vai largar dessa mania de mexer com gado gir, que só dá prejuízo. Esse gado orelhudo está no balão de oxigênio – disse.

Embora eu achasse o gado gir mais bonito, com a pelagem variada e colorida, orelhas grandes e enroladas, já sabia, por influência do autonomista, ser o nelore muito mais fácil de criar, pois o bezerro é esperto e ágil. Recém-nascido, já se cuida sozinho, pegando as tetas finas da mãe, mamando o primeiro leite.

Com gir e indubrasil, isso não acontecia. O bezerro era sempre mole, levando dias para perder a posição fetal, ficando deitado, com o pescoço enrolado, pelos cantos do mangueiro, não mamando enquanto o peão não o ajudasse, colocando os peitos grossos da mãe em sua boca. Nem sequer ficava em pé, se não fosse erguido.

Realmente, numa criação extensiva, o gado tinha de ser o nelore, já estava sentindo. O autonomista não admitia nem mesmo a minha predileção estética pelo gado orelhudo, no qual não via sequer boniteza: – Bonito é o que enche o bolso! – costumava dizer, batendo a mão em cima das algibeiras da bombacha.

Na verdade, devo a ele ter ingressado na criação de nelore. Se tivesse continuado com o gado gir e indubrasil, certamente teria ficado a marcar passo. Estavam apartadas as minhas vacas. Dessa vez eu pude, pelo menos, refugar algumas reses. Tirando as mais eradas, o gado depois de escolhido, contada as seis talhas, ficou uma beleza.

Apartei, depois, 12 touros, cada um melhor do que o outro, enormes, viçosos, onde sobressaía o Monguejá, filho do campeão Pão de Ló, um dos maiores nelores que eu conheci. Deixou ele uma produção simplesmente extraordinária.

Entusiasmado com o gado que recebera, não cabia em mim de contentamento. Rindo, por fora e por dentro, entreguei o plantel ao condutor, depois de marcado com a marca É. Esta marca, desenhada a meu pedido por minha mãe, substituiu, a partir de então, a marca Dado, que tive desde menino e que se extinguiu quando vendi as vacas gir.

Ansiando de expectativa, fui esperar o meu novo gado daí a 3 dias, na fazenda São Miguel, iniciando, assim, no ano de 1955, a criação do nelore.

+POESIAS

Almar

No casulo da paisagem
a passagem... a gota d’água
o sal, o flerte de gaivotas
lemes, velas e asas insones...
o equilíbrio...

o ritmo da correnteza
e a renúncia de algumas nuvens
em cardumes
sem lumes
nas águas revoltas...

ao mar inteiro... ao sol transbordar,
à essência... ao almar...

– ah, marinheiro,
desvenda com desvelo
a barca (em) que fores...

abarca teus náufragos
ou navega dores...

RUBENIO MARCELO

Integridade

existem pessoas que não mereciam morrer
deveriam viver pela eternidade
mas será que aguentariam tanto tempo íntegras
com a unanimidade dos que achavam que elas deveriam ser eternas
será que conseguiriam ser infalíveis
continuar sem um pecado qualquer daqueles que se dizem ser menores
o pecado menor não é pecado ou o que existe são penas maiores e menores
crime e castigo são proporcionais ao delito
mas os desvios são provocados por um mesmo inicial instinto
uns vão mais ou menos longe a vantagem dos que são eleitos para a eternidade é que não viveremos para assistir às suas falhas
haverá outra geração que talvez já os tenha esquecido

HENRIQUE ALBERTO DE MEDEIROS FILHO

Gratidão

Deus é eterno – sempre viverá:
No coração das suas criaturas,
No antes, no agora, onde o infinito vá...
Nas origens remotas e futuras!

Deus é onipotente – e assim será:
Quer nos botões se abrindo com doçuras;
Quer na energia em que amor há;
Na complexa engrenagem das alturas!

Deus é bondade – e em dons fenomenais
Fez mais que leis celestes, muito mais:
Fez-te uma santa e a deu a um pecador...

Vanda, és-me a onipotente eternidade,
Pois em ti Deus pôs tanta qualidade
Quão para amar-te pôs-me tanto amor!

GERALDO RAMON PEREIRA

A voz das florestas (Rondon e as vozes)

Pudesse ouvir a voz de mil florestas
E todas nos diriam em tom de festas:
“Rondon aqui passou...
Minha sombra eu lhe dei como agasalho
Nos seus postes feitos de meus galhos
Os fios tagarelas esticou”.
E sinto-me feliz por ter servido a ele
Pois servi aos meus filhos bronzeados
Que ele tanto amou!

JÚLIO ALFREDO GUIMARÃES

Poesia à venda

Ele vendia poesia barata,
nas esquinas, nos bares, nas praças.
A maioria debochava da sina.
Apaixonados compravam.
Alguns trocavam por gorote,
outros por pedaço de pão.
Sem inflação, dava para o sustento.

AMÉRICO CALHEIROS